

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO SOB A ÓTICA DAS GRAMÁTICAS CONTEMPORÂNEAS: CONTRIBUIÇÕES DA GRAMÁTICA GERATIVA

MORPHOSYNTACT ASPECTS OF BRAZILIAN PORTUGUESE BASED ON CONTEMPORARIES GRAMMARS: CONTRIBUTIONS FROM GENERATIVE GRAMMAR

Cláudia Roberta Tavares Silva (UFRPE/UFPE)
claudiarobertats@gmail.com

Francisco Eduardo Vieira da Silva (UFPE)
feduardovieira@gmail.com

Resumo

Pesquisas em Gramática Gerativa têm evidenciado que o Português Brasileiro (PB) vem passando por um processo de mudança em progresso no que se refere a aspectos morfosintáticos relacionados, por exemplo, aos sujeitos, objetos e ordem de palavras, resultando na emergência de uma nova gramática (cf. ROBERTS; KATO, 1996; KATO; NEGRÃO, 2000, GALVES, 2001). É defendido que esse processo pode ser explicado pelo enfraquecimento do paradigma de flexão verbal e reorganização do paradigma pronominal nessa língua. Diante disso, este artigo tem como finalidade precípua investigar se gramáticas contemporâneas baseadas nos usos do PB estão incorporando em suas análises as contribuições dos estudos de base gerativista, a fim de ampliar a descrição e explicação desses usos. Para tanto, selecionamos para esta pesquisa duas gramáticas, a saber: *Gramática do Português Brasileiro*, de Mário A. Perini e a *Nova Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba T. de Castilho. Em linhas gerais, os resultados apontam que essas obras não só apresentam uma descrição mais condizente da nossa realidade linguística, como também estão calcadas em novas perspectivas de análise gramatical embasando-se em estudos científicos da linguagem, em particular, de base gerativista, o que representa, em certa medida, uma radical mudança na história dos compêndios gramaticais brasileiros.

Palavras-chave: Morfosintaxe; Gramática Gerativa; Gramáticas Contemporâneas; Português Brasileiro.

Abstract

Researches in Generative Grammar have shown a progressive change process in the Brazilian Portuguese (BP) concerning morphosyntactic aspects related, for example, to subjects, objects and word order, resulting in the emergency of a new grammar (cf. ROBERTS; KATO, 1996; KATO; NEGRÃO, 2000; GALVES, 2001). It is supported that this process could be explained by the reduction of the inflectional paradigm of verbs and reorganization of pronoun paradigm in this language. Thus, this paper intends to investigate if contemporaries grammars based on uses of BP are incorporating, in their analyses, the contributions of generative studies so as to enlarge the description and explanation of theses uses. Therefore, we selected two grammars in this research: *Brazilian Portuguese Grammar*, by Mario A. Perini and *New Brazilian Portuguese Grammar*, by Ataliba T. de Castilho. On the whole, results indicate that these grammars not

only show a more suitable description of our linguistic reality, but are also based on scientific studies of language, particularly those based on the generative grammar, what represents, to a certain extent, a radical change in the history of the Brazilian grammatical compendiums.

Keywords: Morphosyntax, Generative Grammar; Contemporaries Grammars; Brazilian Portuguese.

1. Introdução

Desde a década de 1960, período da incorporação da disciplina “Linguística” no currículo oficial do curso de Letras, da criação do primeiro curso brasileiro de pós-graduação em linguística (na USP, em 1966) e da difusão no Brasil do estruturalismo norte-americano e da teoria gerativo-transformacional, a crítica à doutrina gramatical tradicional começou a ser reproduzida no meio acadêmico, o que resultou no que a literatura costuma chamar de *virada linguística*⁵², ou ainda *virada pragmática*. Desse modo, décadas de pesquisas sobre as especificidades do português brasileiro (PB) vieram sedimentando o campo para que os linguistas começassem a elaborar compêndios gramaticais de referência isentos de ranços prescritivos, sob uma perspectiva consistentemente descritiva e à luz de diferentes quadros teóricos dos estudos linguísticos. Em Vieira (2013), denominamos esses novos compêndios de *Gramáticas Contemporâneas do Português Brasileiro* (GCPB). São resultados desse movimento, dentre outras obras, as seguintes:

- a. *Gramática do Português Brasileiro*, de Mario A. Perini (2010) (doravante, GMP);
- b. *Nova Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba T. de Castilho (2010) (doravante, GAC).

A despeito de suas diferenças constitutivas, essas duas gramáticas buscam afastar-se do arcabouço estrutural, da terminologia, dos conceitos e das prescrições doutrinárias da tradição gramatical brasileira, calcada nas perspectivas oriundas do processo de gramatização renascentista. Em outras palavras, esses compêndios gramaticais, embora se debrucem sobre a língua dos brasileiros, não a gramatizam no sentido estrito do termo (cf. AUROUX, 1992), ou seja, não estabelecem um conjunto de

⁵² Uma das primeiras aparições da expressão ‘virada linguística’ vem da filosofia e encontra-se no título do ensaio *The linguistic turn*, escrito por Richard Rorty, em 1967, e publicado na obra *Essays in Philosophical Method*.

regras prescritivas abonadas pela literatura de alguns poucos escritores do passado, tampouco descrevem a estrutura do PB presos aos conceitos da doutrina gramatical. Longe disso, seus autores dizem reconhecer as especificidades do PB contemporâneo, cujos usuários aceitam e empregam formas linguísticas distantes da norma-padrão tradicional, mas já perfeitamente incorporadas às variedades urbanas de prestígio. Pela extensa lista de referências (sobretudo, da GAC), já é perceptível que essas obras fundamentam-se nas mais recentes pesquisas de diversas áreas da linguística, voltadas para a descrição e análise de nossa língua.

Diante desse cenário, este artigo analisa o tratamento dado pelas duas gramáticas contemporâneas supracitadas a estes três aspectos morfossintáticos do PB que apontam para a emergência de uma nova gramática, conforme atestam pesquisas realizadas no campo da gramática gerativa:

- i) o empobrecimento da morfologia flexional do PB e a reorganização de seu paradigma pronominal (cf. DUARTE, 1995, 2000; GALVES, 2001);
- ii) a recorrência de pronomes lexicais na posição do sujeito (cf. DUARTE, 1995, 2000; GALVES, 2001)
- iii) o desaparecimento do clítico de terceira pessoa como objeto direto e sua substituição sistemática por um pronome nulo ou por um pronome reto de terceira pessoa (cf. CYRINO, 1996; FERREIRA, 2000; GALVES, 2001).

O objetivo deste estudo é, portanto, averiguar se os resultados das pesquisas em sintaxe gerativa sobre o PB subsidiam, de algum modo, a elaboração dessas gramáticas, em se tratando dos aspectos morfossintáticos apresentados acima. Para tanto, na seção 2, faremos, primeiramente, um apanhado sinóptico do que a linguística gerativa diz a respeito desses aspectos. Em seguida, na seção 3, apresentaremos os resultados de nossa análise, caracterizando brevemente as principais diretrizes teórico-metodológicas das duas gramáticas em foco e averiguando como se dá o tratamento dos aspectos linguísticos referidos e, por fim, na seção 4, mostraremos que, a despeito de suas filiações teóricas, as GCPB dialogam com as mais recentes descobertas dos estudos de base gerativista.

2. O português brasileiro à luz das pesquisas em gramática gerativa

Tomando por base o surgimento do Modelo de Princípios de Parâmetros na década de 80 do século XX, observamos que, na literatura gerativista sobre a fixação do

valor dos parâmetros no processo de aquisição, o *parâmetro do sujeito nulo* costuma ser bem discutido. De acordo com Chomsky (1981, 1986), a Gramática Universal (GU) contém um princípio que determina a existência do sujeito em sentenças finitas nas línguas naturais, residindo a diferença entre elas na realização fonética ou não desse sujeito, o que implica classificá-las em línguas de sujeito nulo (*pro-drop*) (ex.: espanhol e português europeu (PE) (cf. (1) e (2)) e línguas de sujeito não-nulo (*não pro-drop*) (ex.: inglês e francês (cf. (3) e (4)):

(1)___ Cantas muito bem.

(2)___ Cantas muy bien.

(3)Tu chantes très bien.

(4)You sing very well.

Trata-se, portanto, de um parâmetro com dois valores em aberto, (+) sujeito nulo ou (-) sujeito nulo, cuja fixação de um deles pela criança dependerá dos dados linguísticos primários (*input*) a que é exposta durante o processo de aquisição.

Chomsky (1981, 1986) argumenta que a um parâmetro está associado um conjunto de propriedades. Logo, a mudança em um dado parâmetro carrega consigo diversas mudanças na estrutura superficial da língua como parece estar acontecendo com o PB há cerca de dois séculos.

Fernando Tarallo foi um dos primeiros linguistas a defender que, já no século XIX, emergiu uma gramática brasileira diferente da gramática portuguesa em muitos aspectos. No que diz respeito aos aspectos morfossintáticos abordados por nós neste artigo, Tarallo (1986) destaca a diferença no comportamento assimétrico entre sujeito e objeto no PB e no PE: enquanto a segunda língua favorece o preenchimento da posição de objeto (retenção dos clíticos) em detrimento da posição de sujeito, a primeira favorece a retenção do sujeito e o apagamento do objeto clítico. Assim, teríamos uma distância sintática dramática entre as duas gramáticas:

(5)José viu Sofia ontem?

(6)Sim, *ele* viu \emptyset . (*sujeito preenchido/ objeto vazio = PB*)

(7)Sim, \emptyset a viu. (*sujeito vazio/ objeto preenchido = PE*)

(TARALLO, 1996, p. 51)

Esse crescimento de sujeitos lexicais é um argumento forte dos que defendem que o PB está passando por uma fase de mudança paramétrica, caracterizando-se como língua semi-pro-drop (SILVA, 2004), o que pode ser evidenciado pela perda da ordem Verbo-Sujeito (VS) com verbos (in)transitivos e pelo conseqüente enrijecimento da ordem canônica SVO, conforme atestam as pesquisas de Berlinck (1988, 2000) e Torres Moraes (1996).

Ademais, o clítico acusativo em PB pode também ser substituído por outra estratégia de pronominalização, a saber: o pronome tônico. Conforme observa Tarallo (1986), esse pronome ocorre tanto em sentenças principais (cf. (8)) quanto em relativas (cf. (9)), ao contrário do PE:

(8) José viu *ela* ontem.

(9) Essa menina que José viu *ela* ontem...

Segundo Cyrino (1996), desde os pioneiros estudos de Fernando Tarallo, várias pesquisas apontam para a queda do clítico de terceira pessoa do PB, mais especificamente do clítico *o*, o primeiro a ser atingido pela mudança, sendo substituído progressivamente, desde o século XIX, pelo pronome tônico *ele*. Galves (2001), por exemplo, conclui que a frequência reduzida dos clíticos acusativos *o/a/os/as* no PB deve-se à existência de um paradigma em que ele disputa a função de objeto direto com o pronome tônico *ele/ela/eles/elas*.

Bem como Galves (1996, 2001), muitos pesquisadores afirmam que essas características do PB (retenção do pronome lexical na posição de sujeito, ausência da ordem VS com verbos (in)transitivos, aumento do objeto nulo, surgimento do pronome tônico acusativo e diminuição da frequência dos clíticos) são fenômenos sintáticos intimamente relacionados por serem resultantes da reorganização do sistema pronominal na língua e do empobrecimento da morfologia de flexão verbal, o *locus* do processo de mudança paramétrica responsável pelo surgimento de uma nova gramática brasileira.

Além de Galves (1996, 2001), Duarte (1996) também afirma que a mudança paramétrica que se observa no PB coincide com a significativa redução ou simplificação nos paradigmas flexionais da nossa língua, o que dá indício de que ambos os fenômenos estão correlacionados. Roberts (1996) corrobora essa opinião, acrescentando que o desgaste da morfologia verbal no PB contemporâneo não se deve à mudança fonológica,

mas à reorganização do seu sistema pronominal. O PB passou de um sistema com seis formas distintivas para um paradigma de quatro formas, graças à perda da segunda pessoa direta (*tu falas, vós falais*), que passou a se comportar flexionalmente como terceira pessoa (*você/tu fala, vocês falam*). Além disso, houve o aparecimento do pronome *a gente*, flexionado também em terceira pessoa (*a gente fala*), que passou a competir com o *nós*, de flexão própria (*nós falamos*).

Duarte (1995) partiu da hipótese de que a redução no paradigma verbal do PB, com a inserção do *você* no quadro pronominal e a neutralização entre *você* e *tu*, além da entrada do pronome *a gente* em competição com o pronome *nós*, constituiria a motivação para a perda do sujeito nulo como opção natural no nosso sistema, uma vez que o PB tinha perdido, na segunda e terceira pessoas, a distinção do traço [+pessoa], restando-nos apenas a distinção de número.

Quanto às marcas de flexão nos verbos infinitivos, o PB também possui uma morfologia menos diversificada que o PE, pois só mantém distinção entre singular e plural (*cantar/cantarem*), enquanto o PE distingue, além do morfema zero (*cantar*), quatro morfemas diferentes nos verbos infinitivos (*cantares/cantarmos/cantardes/cantarem*).

Em suma, observamos que são vários os trabalhos de frente teórica gerativa que nos mostram que muitas das especificidades sintáticas do PB advêm do processo gradativo de enfraquecimento da flexão verbal que se inicia na segunda metade do século XIX (cf. DUARTE, 1995, 2000) e está intimamente relacionado ao surgimento de um novo paradigma pronominal (*eu, tu/você, ele/ela, nós/a gente, vocês, eles/elas*).

3. Abordagens das GCPB

3.1 Gramática do português brasileiro, de Mário. A. Perini (2010) – GMP

O público-alvo da GMP são os estudantes de gramática de nível universitário, cujos objetivos são antes de natureza científica. Ou seja, não se trata de uma gramática escolar, pedagógica, voltada diretamente para o aluno, uma vez que o entendimento da obra requer ao menos um conhecimento razoável dos rudimentos dos estudos gramaticais. Desse modo, essa gramática se destina explicitamente a alunos e professores de Letras, alcançando, em segunda instância, professores de línguas de todos os níveis.

Tomando por base que a ênfase da GMP é na descrição sintático-semântica da oração, em detrimento da descrição fonológica e morfológica, sendo os dados

apresentados ao longo do compêndio resultados de introspecção, começemos por observar o tratamento dado aos dois aspectos apontados pelos estudos gerativistas como os fatores desencadeadores da mudança gramatical no português do Brasil, a saber: o enfraquecimento do paradigma de flexão verbal e a mudança no paradigma pronominal do caso reto. A descrição feita pela GMP é exclusivamente sincrônica, ou seja, não se preocupa em apresentar historicamente os processos de mudança que deram origem a tais configurações morfossintáticas, como, por exemplo, a gramaticalização de *vossa mercê* > *você* ou a perda progressiva do traço de [+ pessoa] em boa parte das formas verbais.

Desse modo, a GMP expõe objetivamente o paradigma dos pronomes retos do PB atual, sem nenhum compromisso com o seu passado linguístico-histórico, como se percebe nas tabelas apresentadas no capítulo 9 (p. 116), em que se lê *eu, você (tu), ele/ela, nós, vocês, eles/elas*, e no capítulo 31 (p. 305), onde aparecem *eu, você, ele, nós, vocês, eles*. Ainda que avanços sejam claros em relação ao paradigma tradicional (a substituição do *vós* pelo *vocês*, por exemplo), nota-se a colocação do pronome *tu* em posição periférica no primeiro paradigma e sua total ausência no segundo. De acordo com a GMP, “não se usa o pronome *tu* e suas formas oblíquas *ti* e *-tigo*” (p. 121). Outra lacuna nos paradigmas é a ausência do pronome *a gente*, considerado nessa gramática como um “nominal comum” (p. 115), gramaticalmente não diferente de outros SNs, ao contrário do que apontam, como vimos neste artigo, as pesquisas gerativistas atuais, que situam o *a gente* co-ocorrendo com o pronome *nós* (cf. seção 2).

Quanto ao empobrecimento do paradigma de flexão verbal, a GMP não se revela muito eloquente no tratamento do fato, embora aborde o assunto com adequação no capítulo 28 sobre *concordância verbal* e no capítulo 32 dedicado aos *verbos*. No capítulo 28, afirma que “a concordância verbal é mais restrita no PB do que no português escrito” (p. 273), pois as formas de segunda pessoa do singular e plural e as de terceiras pessoas de plural costumam perder espaço em favor das de terceira pessoa do singular (*Tu gosta de camarão?, Elas não consegue subir no banco.*). Em certo momento, cita um estudo sociolinguístico de Lemle e Naro (1977)⁵³ sobre o assunto, a fim de atestar essas alterações no PB descrito. Também menciona o fato de a ausência de concordância ser mais recorrente quando o sujeito é posposto ao verbo. Por fim, apresenta um cenário bem realista do paradigma de flexão verbal, mencionado, dessa

⁵³ LEMLE, M. & NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MOBREAL e Fundação Ford.

vez, o uso frequente da forma *a gente* em lugar de *nós* e chegando a afirmar que, se o *nós* desaparecer, “teremos um sistema de concordância reduzido apenas a duas pessoas” (p. 278).

No capítulo 32, a GMP praticamente retoma as considerações sobre o enfraquecimento do paradigma de flexão verbal feitas no capítulo 28, mencionando a variação máxima de quatro pessoas gramaticais (*faço, faz, fazemos, fazem*) do PB – o que difere do paradigma tradicional, com seis. Explica que a quinta forma, a segunda pessoa do singular, muitas vezes é permutada pela terceira pessoa pelos falantes que usam *tu*. Apresenta também alguns exemplos de paradigmas ainda mais reduzidos, em que o falante emprega formas de terceira pessoa do singular com pronomes de primeira e terceira pessoas do plural (*eles vai, nós faz*). Em nenhum momento, porém, a GMP considera a redução de marcas de flexão de pessoa nas formas verbais infinitivas, outro aspecto característico da sintaxe do PB.

Também como vimos na seção 2 deste artigo, intimamente relacionada às mudanças no paradigma pronominal e de flexão verbal do PB encontra-se a retenção do sujeito pronominal em detrimento do uso de sujeito nulo. No entanto, esse aspecto não é tão abordado pela GMT no sentido de evidenciar que o PB está passando por um processo de mudança em que está deixando de ser uma língua de sujeito nulo, ao contrário do PE, para se tornar uma língua de sujeito não-nulo como o inglês, por exemplo. Nos capítulos dedicados à explanação sobre o sujeito na oração (capítulos 3 e 4), limita-se a mencionar a possibilidade de, no PB, se omitir o sujeito em frases como *Eu vendi um lote*, a qual seria sinônima de *Vendi um lote* (p. 67). Lembra que a redundância entre sujeito e sufixo de pessoa-número nem sempre é total, o que resulta na possibilidade de omissão do pronome apenas na primeira pessoa do singular, na primeira pessoa do plural e na terceira pessoa do plural. Ainda nesses capítulos, afirma que essa “opcionalidade do sujeito” depende de certas condições que tem a ver com a “função comunicativa das orações” (p. 78).

Importante dizermos que o modelo descritivo adotado pela GMP não lida com “elementos sintáticos ocultos” (p. 68). Assim, essa gramática analisa as orações com sujeitos nulos, que tradicionalmente têm seus sujeitos classificados como ocultos, como orações sem sujeito. Esclarece essa gramática que o sujeito é sempre um SN presente na oração, sendo o sufixo *-ei* de *Rasguei o cheque*, por exemplo, apenas um índice de agência, um indicador do agente e do papel temático, e não o sujeito efetivo, ao

contrário do que é proposto, por exemplo, por Kato (2000) em sua análise sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo em PB.

Talvez seja por não trabalhar com categorias sintáticas vazias que a GMP não chama atenção nas suas descrições para as estruturas com objeto nulo em contexto acusativo, embora descreva satisfatoriamente a perda dos clíticos de terceira pessoa e o uso do *ele* e flexões como acusativo. O compêndio afirma pontualmente que “Alguns pronomes só têm uma forma, que vale para todas as funções. É o caso de *ele, ela* e seus plurais, que não variam formalmente quando em funções diferentes” (p. 120). Assim, no quadro em que compara as formas retas às formas oblíquas correspondentes (p. 116), a GMP apresenta o *lhe* como oblíquo de segunda pessoa – e não de terceira, como rege a tradição – e deixa ausente do paradigma as formas oblíquas de segunda pessoa do singular e plural e de terceira pessoa do plural. Ou seja, não considera as formas como *o, a, os, as, -no, -nas, -lo, -las* etc. como pertencentes ao paradigma pronominal oblíquo da gramática internalizada do falante do PB, o que nos parece coerente com os resultados das pesquisas atuais de base gerativa.

Por fim, verificamos que a GMP leva em consideração os contextos estruturais que legitimam a ordem Verbo-Sujeito (VS), ainda que não relacione esse fenômeno sintático a outros aspectos gramaticais, nem explique a impossibilidade de o sujeito ser posposto ao verbo em contextos (in)transitivos (SILVA, 2004). Ao introduzir rapidamente o fenômeno da ergatividade (p. 53), a gramática em foco cita *en passant* o fato de no PB haver orações idênticas em tudo, exceto na ordem dos termos, como em *Uma das lojas fechou* e *Fechou uma das lojas*. Também no capítulo 8 da gramática, dedicado ao tratamento da *ordem dos termos na oração*, lemos que “[a]s condições que governam a posição do sujeito frente ao verbo não são totalmente conhecidas [...]” (p. 109), uma afirmação, a nosso ver, questionável, pois há estudos gerativistas dedicados ao tratamento do tema que discutem as restrições para os sujeitos ocorrerem ora à direita ora à esquerda do verbo (cf. FIGUEIREDO SILVA, 1996; COELHO, 2000; SPANÓ, 2002, SILVA, 2004).

3.2.A nova gramática do português brasileiro, de Ataliba T. de Castilho (2010) – GAC

De modo semelhante à GMP, o público-alvo da GAC são professores do ensino médio, alunos do curso superior e professores universitários de linguística e língua portuguesa. Na introdução da gramática, há o registro de que não se trata de uma

gramática escolar usual – uma “gramática-lista”, repleta de classificações –, pois o foco reside na língua falada no Brasil. Nas palavras do autor, “o objetivo das boas gramáticas é desvelar o conhecimento linguístico armazenado na mente dos falantes, desde o cidadão analfabeto até o escritor laureado” (p. 32), o que revela de imediato o caráter cognitivista do compêndio.

A GAC se autodenomina uma gramática “funcionalista-cognitivista” (p. 63), o que condiz com sua concepção de gramática como um tipo de sistema linguístico constituído por estruturas cristalizadas ou em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas: o fonológico, o morfológico e o sintático.

É frisado na obra que os estudiosos das línguas naturais não podem se ater a um modelo teórico apenas, pois a complexidade linguística é tamanha que permite posições ecléticas. Portanto, ao longo da GAC, tem-se a impressão de uma obra coletiva e polifônica, uma vez que ela dá voz a vários pesquisadores das mais distintas filiações teóricas.

A perspectiva teórico-metodológica assumida pela GAC faz com que ela alcance outras searas além daquela que acolhe, em particular, a descrição de estruturas linguísticas, como faz a GMP. A preocupação com os processos cognitivos envolvendo tais estruturas é um diferencial no compêndio, pois faz com que ele tente, muitas vezes, buscar explicações sócio-históricas para a estrutura descrita, como na abordagem do processo de gramaticalização do *Vossa Mercê* (SN) >*você* (pronome) >*cê* (clítico), considerando os estágios de fonologização, morfologização e sintatização por que passou essa forma linguística.

O capítulo 3 da GAC, dedicado à história social e à mudança gramatical do PB, constitui-se no resumo dos principais resultados obtidos no *Projeto para a História do Português Brasileiro* (coordenado pelo autor da gramática, Ataliba de Castilho). Essa parte da obra é introdutória, mas já aponta para estes fenômenos: a) mudança no paradigma dos pronomes retos e b) enfraquecimento do paradigma de flexão verbal. Por meio de um quadro onde são apresentadas as diferenças entre o PB e o PE na fonética/fonologia, morfologia e sintaxe (p. 192-193), a GAC destaca que o rol dos pronomes pessoais tônicos apresenta as formas *eu*, *você*, *ele*, *nós*, *vocês*, *eles*, estando a forma *nós* alternando-se com a forma *a gente*, e, em algumas regiões, o *você* com o *tu*. Também salienta nesse quadro que a morfologia verbal do PB foi reduzida a quatro formas (*falo*, *fala*, *falamos*, *falam*) e o quadro dos clíticos acusativos, a três formas (*me*, *te*, *nos*), com tendência de desaparecimento do acusativo *o* (e flexões), por vezes

substituído pelo pronome tônico *ele*. Outra diferença destacada é a tendência de preenchimento do sujeito e apagamento do objeto no PB, estando o PE apresentando comportamento sintático inverso.

No capítulo posterior, dedicado a reflexões sobre a diversidade do PB, é apresentado um outro quadro (p. 206-209) ainda maior que o primeiro, dessa vez com as diferenças entre as duas variedades prototípicas do PB: o português brasileiro popular e o português brasileiro culto. Nesse quadro, também é frisada a relação entre a simplificação da morfologia de pessoa e as alterações no quadro dos pronomes pessoais no PB culto e, sobretudo, no PB popular, que apresenta apenas a conjugação de apenas duas formas diferentes (a primeira pessoa – *falo* – e as demais pessoas – *fala*). Também para as duas variedades, há o registro da predominância do sujeito pleno e do objeto nulo, o qual pode ser preenchido pelo pronome *ele*, também na “fala culta”. Tais aspectos morfossintáticos são considerados, no dizer do autor, os “achados sobre a mudança gramatical do português brasileiro” (p. 185).

A suposta explicitação da relação entre os fenômenos sintáticos em foco neste artigo realmente se confirma ao longo do compêndio. Na abordagem do sintagma nominal (capítulo 11), a GAC afirma, pautada em estudos linguísticos recentes, que a reorganização dos pronomes pessoais no PB (a substituição de *tu* por *você*, *vós* por *vocês/os senhores*, *nós* por *gente*) trouxe fortes consequências para estrutura morfossintática da língua: repercutiu nos demais paradigmas pronominais, na morfologia de flexão verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença.

Nesse mesmo capítulo, a GAC apresenta um quadro completo dos pronomes pessoais do PB nas funções de sujeito e complemento, bem condizente com a realidade linguística atual dos brasileiros (p. 477). Mantém o pronome ‘vós’ no quadro do PB formal, embora informe que, nos inquéritos do NURC analisados (*corpus* majoritário da GAC), não há ocorrência desse pronome. Faz também observações interessantes sobre os pares *a gente/nós* e *tu/você*, não mascarando, como faz a GMP, os usos ainda frequentes de *tu* no PB. Também faz descrições de vanguarda, ao considerar os estilos menos monitorados que atestam hoje a transformação de *ele* em *ei* e *lhe* em *li* (p. 479). Também vale salientarmos a pioneira análise – em se tratando de um compêndio gramatical – que é feita do processo de transformação progressiva dos pronomes pessoais em morfemas verbais número-pessoais (*Eu vou* > *Evô*; *Se encontrou* > *Sincontrô*) (p. 482).

Além das considerações feitas nos capítulos introdutórios e mencionadas há pouco, a GAC, na pequena seção destinada à abordagem da concordância verbal (p. 273) no capítulo 6 (*Primeira abordagem da sentença*), limita-se a afirmar que a concordância de pessoa é mais forte que a de número, sendo possível no PB encontrar formas como *eles vinha* e não formas como **eu perdeu*. Também no capítulo 10 (*O sintagma verbal*), há outra pequena seção dedicada à concordância verbal (p. 411-413), em que se mostra que a concordância no PB está condicionada à distância ou proximidade mórfica (respectivamente *é/são, fala/falam*), dada a simplificação de seu quadro pronominal e de sua morfologia. Reflexões mais profundas sobre o tema não há, como também não é mencionado o fato de o PB ter reduzido as marcas de flexão de pessoa nas formas verbais infinitivas.

Interessante observarmos que a GAC realmente pratica o ecletismo teórico defendido nos primeiros capítulos do compêndio. Embora seja uma gramática evidentemente funcionalista, ao tratar do preenchimento das posições sintáticas argumentais (capítulo 6, p. 267), cita a gramática gerativa e se vale da terminologia *pro-drop* e *não-pro-drop*. Afirma que, ao contrário do francês ou inglês, as posições argumentais no português podem ser preenchidas por uma categoria vazia, também denominada “anáfora-zero”. No capítulo seguinte (capítulo 7), destinado ao tratamento da estrutura funcional da sentença, o compêndio considera, além dos estudos de cunho funcional variacionista, várias pesquisas gerativistas sobre sujeito e categoria vazia (p. 293-294). Em síntese, afirma que o PB é uma língua que ainda pode estar incluída entre as línguas de parâmetro *pro-drop*, mas que a ocorrência de sujeito nulo é inferior ao PE. Nessa discussão, a gramática também destaca (mais uma vez) a relação existente entre morfologia verbal rica e omissão do sujeito, e morfologia verbal pobre e retenção do sujeito.

A abordagem das estratégias de preenchimento do objeto direto também é feita no capítulo 7, de modo coerente ao que fora colocado pela obra até então. A GAC mostra que há a possibilidade de o pronome *ele* ou do clítico *o* assumirem a função de objeto direto no PB, ainda que o desaparecimento dos clíticos venha ocorrendo progressivamente, dando cada vez mais espaço ao *ele* acusativo. Deve ser dito que a retrospectiva que a GAC faz dos estudos sobre estratégias de preenchimento do objeto direto no PB é exaustiva e bem fundamentada, além de situar o fenômeno na história da língua (p. 301-304).

No que se refere à ordem de palavras, afirma que “não deslocamos o sujeito para depois do verbo nas interrogativas” (p. 270), movimento que criaria ambiguidade (*O que Francisco comeu?* vs. **O que comeu Francisco?*). No capítulo 7, tenta sistematizar uma bibliografia caudalosa sobre o fenômeno, concluindo que os contextos que favorecem a ordem VS são: sentenças reduzidas de gerúndio, infinitivo e participio (*feita as malas, saindo os convidados*); orações intercaladas construídas com verbos de dizer (*ponderou o príncipe*); sentenças interrogativas, exclamativas, imperativas e optativas (*Que veio ele fazer aqui?*, *Venha a nora!*); sentenças condicionais em que se tenha omitido o *se* (*Quisesse ele, tudo estaria arranjado*); e sentenças de verbos intransitivos.

4. Conclusão

As análises que empreendemos neste artigo objetivaram entender se os resultados das pesquisas em gramática gerativa sobre o PB perpassam ou mesmo subsidiam a elaboração das GCPB, em se tratando dos aspectos morfossintáticos aqui analisados e costumeiramente abordados nos trabalhos dessa linha teórica.

A despeito das lacunas que apontamos, a gramática de Mário Perini (GMP) apresenta uma descrição realística de fatos morfossintáticos envolvendo o enfraquecimento do paradigma de flexão verbal e a mudança no paradigma pronominal do PB. Entretanto, como se limita a descrever tais fatos do ponto de vista exclusivamente sincrônico e sem considerar nenhuma teoria que possa subsidiar possíveis explicações para os fenômenos descritos, acaba não se aprofundando nos tópicos gramaticais nem relacionando-os entre si. Em se tratando dos aspectos morfossintáticos aqui considerados, a GMP também se mostra tímida na consideração de pesquisas já realizadas na linguística brasileira sobre esses temas.

Em contrapartida, a gramática de Ataliba de Castilho (GAC), fundamentada nos princípios teóricos do funcionalismo e da linguística cognitiva, apresenta os fatos sintáticos indo além da descrição sincrônica. Consegue se valer das relevantes descobertas sobre o funcionamento da gramática do PB realizadas por uma gama de estudiosos vindos das mais diferentes linhas teóricas, incluindo aí a linguística gerativa. Costuma abordar os fenômenos gramaticais de um ponto de vista panorâmico, no qual os movimentos históricos do sistema ajudam a compreender sua sincronia.

À guisa de síntese, elaboramos o quadro abaixo, na tentativa de listarmos os aspectos gramaticais analisados neste artigo e avaliarmos o tratamento dado a eles pelo

dois compêndios em foco. Nosso julgamento toma como parâmetro os principais resultados dos estudos gerativistas sobre a gramática do PB, sintetizados na seção 2 deste artigo, e se vale das seguintes convenções simbólicas: (+) bem desenvolvido; (+/-) desenvolvido com lacunas e (-) não desenvolvido.

QUADRO 1 – ASPECTOS GRAMATICAIS ABORDADOS NAS GCPB

FENÔMENOS MORFOSSINTÁTICOS DO PB	GMP	GAC
Enfraquecimento do paradigma de flexão verbal	+	+/-
Mudança no paradigma pronominal	+/-	+
Retenção do sujeito pronominal	+/-	+
Perda do clítico acusativo de terceira pessoa	+	+
Utilização de pronome reto em contexto acusativo	+/-	+
Utilização de objeto nulo em contexto acusativo	-	+
Redução de marcas de flexão de pessoa nas formas verbais infinitivas	-	-
Restrições contextuais da ordem VS	+/-	+

Não obstante o tratamento amplo dos aspectos morfossintáticos em análise da GAC sobre a GMP expressa por meio do Quadro 1, podemos dizer que ambas as gramáticas traçam interessantes deslocamentos em relação à descrição que nossa tradição gramatical costuma fazer dos aspectos morfossintáticos aqui focalizados e de outros a ele relacionados. Essas obras não só apresentam uma descrição mais condizente da nossa realidade linguística, como também estão calcadas em novas perspectivas de análise gramatical e no estabelecimento de categorias e conceitos em sintonia com os estudos científicos da linguagem, o que representa, em certa medida, uma radical mudança na história dos compêndios gramaticais brasileiros.

Referências bibliográficas

- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.
- BERLINCK, R. A. *A ordem VSN no português do Brasil: sincronia e diacronia*. 1988. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- _____. Brazilian Portuguese VS order: a diachronic analysis. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Iberoamericana, 2000.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht :Foris Publications, 1981.

_____. *Knowledge of language : its nature, origin and use*. London :Praeger Publishers, 1986.

COELHO, I. L. *A ordem VDP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. 2000. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 163-184.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio ‘Evite Pronome’ no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 107-128.

_____. The loss of the ‘avoid pronoun’ principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid : Iberoamericana, 2000, p. 17-36.

FERREIRA, M. B. *Argumentos nulos em português brasileiro*. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito em português brasileiro: frases finitas e infinitas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 37-86.

GALVES, C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 387-408.

_____. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

GALVES, C. C. "Ensaio sobre as gramáticas do português". Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

KATO, M. A.. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V (Eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid :Vervuert, Iberoamericana, 2000. p. 223-258

_____.; NEGRÃO, E. V (Eds.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid :Vervuert, Iberoamericana, 2000.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

ROBERTS, I. Posfácio – O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 409-421.

ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

SILVA, C. R. T. *A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu*. Tese de doutorado. Maceió: UFAL, 2004. p. 233-336.

SPANÓ, M. *A ordem VSN em construções monoargumentais na fala culta do português brasileiro e europeu*. 2002. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996 [artigo originalmente publicado em 1986]. p. 35-68.

_____. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2^a ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996 [artigo originalmente publicado em 1991]. p. 69-105.

TORRES MORAES, M. A. C. R. Aspectos diacrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e o caso nominativo no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. São Paulo : Ed. da UNICAMP, 1996. p. 263-306.

VIEIRA, E. *Gramáticas contemporâneas do português brasileiro: linhas de continuidade e movimentos de ruptura com o paradigma tradicional de gramatização*. Projeto de doutorado. Pós-graduação em Letras na UFPE. Recife, 2013.